CLÉLIO CAMPOLINA DINIZ, PROFESSOR EMÉRITO

João Antonio de Paula

Para Alda, Bernardo, Gabriela e Joana

Estamos aqui para testemunhar a concessão do título de professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais ao professor Clélio Campolina Diniz. O Dicionário de Antônio Houaiss traz acepção de professor emérito que merece citação: “diz-se do título universitário conferido a professor que, por seu saber, distinguiu-se ao ministrar determinada matéria”. Com efeito, é esse o caso. Clélio Campolina Diniz, por seu saber, é um dos grandes nomes de campo de estudos a que deu contribuição relevante, amplamente reconhecida e valorizada em âmbito que transcende o quadro regional e nacional. Por isto, o título que a Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas lhe confere é justa homenagem a quem tem feito maior a nossa Universidade.

A pesquisa lexicográfica iniciada com o Dicionário de Houaiss levou a outras obras, e aí sobrevieram algumas surpresas. A primeira surpresa foi descobrir que nos léxicos latinos a palavra **emeritus** não carregava, de início, qualquer distinção especial, não denotava o sentido contemporâneo de mérito. De fato, a palavra emérito designava, apenas, as consequências da passagem do tempo, o que permitia aos sujeitos se aposentarem. Desse modo, havia a expressão **Milites emerití** para designar os militares que haviam cumprido seus anos de serviço e se faziam merecedores de aposentadoria. Ainda mais surpreendente, aos olhos de hoje, ao menos, a locução **Emeriti boves**, quer dizer bois velhos, cansados, que não mais trabalharão. A partir daí passei a perceber o perigo de continuar a

pesquisa. Por outro lado, é quase irresistível não pensar em asnos eméritos, em bestas eméritas, em pavões eméritos, em ratos eméritos, todas as vezes que se liga a TV, que se abre os jornais, e se depara com certos personagens, que frequentam nossa vida política, empresarial, artística, por que não, científica... Digo isto constrangido por associar os pobres animais a vilanias e baixezas que são atributos, exclusivamente, humanos.

Espero que minha digressão zoológica não seja considerada excessivamente irreverente, sobretudo, porque ela ainda não terminou. Que ainda há um tópico lexicográfico, que eu quero abordar. É que não bastassem todos os motivos sabidos pela comunidade universitária e que justificam, sobejamente, a concessão do título de professor emérito a Clélio Campolina Diniz, há, ainda, uma outra importante razão, que eu descobri neste mesmo Dicionário do Houaiss e que são os antônimos, que ele apresenta para o adjetivo emérito, que são: canalha, desconhecido e mal-afamado. Deste modo, está definitivamente consagrado: Campolina é, insofismavelmente, um emérito, porque ninguém mais anticanalha do que ele, do mesmo modo que é completamente bem conhecido e ainda mais bem-afamado.

Se o saber e o domínio sobre um campo de conhecimento são as condições básicas para a atribuição do título de emérito, nosso homenageado carrega outras virtudes, seja na condição de filho, irmão, pai, avô, amigo, colega, chefe e chefiado, seja como cidadão, como intelectual, como homem público. Seria perfeitamente inadequado que, nesse momento em que a Universidade se faz presente para reafirmar sua admiração e respeito pro Clélio Campolina Diniz, se se limitasse a desfiar uma espécie de relatório de atividades profissionais.

Se não é o caso aqui de tentar biografia, mesmo que sintética, não se omitam certas particularidades de sua vida, que elas não só explicam,

como é óbvio, muito de seu modo de ser, mas, mais decisivo, realçam, ainda mais, o meritório de suas vitórias e conquistas tão mais significativas quanto mais se sabe terem sido o resultado de esforços continuados, de trabalho e talento.

Ocorreu-me, para buscar caracterizar nosso homenageado, lembrar página de Eça de Queiroz e parafraseá-la: “Eu sou um pobre homem das barrancas do Paraopeba”, poderá dizer o nosso Campolina. Pobre homem no sentido de que mais que uns, menos que outros, terá sofrido as agruras da vida, terá arrostado injustiças, terá enfrentado dificuldades, terá tido momentos de desesperança, de angústia, terá se sentido só e duvidado de sua capacidade e de seus méritos, de sua força. “Um pobre homem das barrancas do Paraopeba”, filho de família numerosa, em que a terra pouca impôs sacrifícios, trabalhos e dificuldades permanentes. Desde cedo acostumado ao trabalho e à vida reta desenvolveu uma extraordinária saúde moral, uma convicção profunda na capacidade humana de vencer as injustiças, a mentira, a desigualdade, a violência.

Mineiro-mineiro, Clélio Campolina Diniz, é a confirmação da complexa e desconcertante matéria que Guimarães Rosa quis ver constituindo a terra e a gente mineira. Disse desconcertante porque é sobretudo de assombro e heteróclita profusão que cabe ao se falar dessa nossa gente, tão localista, tão de seu lugar, e, até por isso, talvez, tão universal, tão aberta, tão disponível para o mundo. Terra que deu ao Brasil seu poeta mais universal, que universalizou tudo o que tocou, que é Carlos Drummond de Andrade; que deu ao País João Guimarães Rosa, seu prosador mais firmemente ligado às mais ricas vertentes da cultura mundial: de Homero a Goethe, da mística neoplatônica ao budismo, de Dante, Shakespeare, Cervantes a Dostoievsky;

da alta cultura europeia ao fundo do mato onde nos aguarda nosso tio Iauaretê.

E não serão, então, desconcertantes esses versos de Drummond – “essa ânsia de ir para o céu e de pecar mais na terra”. Versos que remetem àquela igualmente espantosa fala do Matraga, de Guimarães Rosa – “Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...”

Eis o mineiro. Esse mistério. Não sei se o Campolina vai para o céu, mas se ele quiser ir, e não tiver outro modo, poderá usar o método do Nhô Augusto Estêves, aliás, Matraga, filho do coronel Afonsão Estêves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira, que se não faz fronteira física com as Esmeraldas não se distancia dela porque as Minas são emboladas em suas múltiplas diversidades.

Matraga teve a sua vez e a sua hora. A de Campolina, acho que aconteceu, pelo menos a primeira das horas de decisão, quando ele foi aprovado no concurso do BDMG, em 1962. É um dos primeiros funcionários do Banco e por lá ficou até 1976, quando tornou-se professor de nossa Faculdade.

O Banco de Desenvolvimento foi sua primeira casa profissional. Ali descobriu a economia regional, o planejamento e o desenvolvimento econômico como ofícios e como missão. Engenheiro formado pelo IPUC, chegou à economia e ao planejamento econômico antes de realizar seus cursos de mestrado e doutorado em economia, na UNICAMP. Sua formação como economista, como planejador econômico está fortemente ligada à tradição cepalina, ao ILPES, Instituto Latinoamericano de Planificação Econômica e Social, órgão criado em 1962, vinculado à CEPAL, no qual realizou, em 1971, curso de especialização, no momento em que o Chile

experimentava a sua primavera político-social, o governo da Unidade Popular, a aposta na construção do socialismo pela via eleitoral.

Do BDMG, ao ILPES, do ILPES à UNICAMP e daí à UFMG, ao CEDEPLAR, o itinerário de uma vocação e de uma aposta – buscar fazer do exercício profissional um testemunho ético e político, a inteligência, a teoria, colocadas a serviço da construção de um mundo melhor. Campolina, como muitos outros, apropriou-se e buscou realizar o essencial daquela decisiva décima primeira tese sobre Feuerbach, de Marx, que diz "A filosofia, até aqui, não tem feito senão interpretar o mundo. O que cabe fazer é transformá-lo." E a isso ele se aplicou, em sua prática profissional, em sua vida cívica.

Estamos aqui para homenagear Clélio Campolina Diniz, mas, para homenageá-lo plenamente, será necessário não ignorar os tempos que correm. Tempos difíceis. Não há como aferir, com exatidão, se os tempos que correm são mais duros, que outros tempos amargos enfrentados por outras gerações. Em 1935, Johan Huizinga, grande historiador holandês, então Reitor da Universidade de Leiden, publicou um livro – **Nas Sombras do Amanhã** – cuja epígrafe, de São Bernardo de Clairvaux, é – "Este mundo tem as suas noites, e não são poucas." Huizinga, naquele 1935, foi capaz de antever a tragédia que se anunciava, sua voz corajosa e lúcida denunciou o nazismo, o racismo, fez da universidade espaço de resistência à barbárie, pela mobilização da tolerância, da solidariedade, da intransigente opção democrática.

O que é certo é que se noites há, e são muitas, há também quem invente auroras, que é preciso apostar, que elas também acodem toda vez que a liberdade, a justiça, a tolerância, a diversidade, a multiplicidade, a alteridade, a solidariedade vigoram.

Não tem sido fácil o caminho dos brasileiros, o caminho do povo brasileiro para a sua plena emancipação. Pesam ainda, sobre todos nós, a infâmia bárbara de trezentos anos de escravidão, não de todo redimida, porque negados aos ex-escravos e seus descendentes uma reforma agrária abrangente, capaz de garantir mediante o acesso à renda e riqueza, que é condição básica para a construção de cidadania efetiva.

Com efeito, uma das características da sociedade brasileira é o controle exercido pelo seu senhoriato dos processos sociais. Esse controle baseia-se na capacidade reiterada das classes dominantes brasileiras, até aqui, de bloquearem os desdobramentos disruptivos dos processos de transformação social, retirando-lhes, ou amortecendo, o que neles, efetivamente, significa substituição da ordem social competitiva pela plena vigência da liberdade e da igualdade.

Clélio Campolina Diniz é economista que sabe que mais que filiando-se a escolas, o que, efetivamente, define os economistas são suas escolhas. E ele há muito tempo as fez. Como um dos seus maiores mestres, Celso Furtado, Campolina se colocou ao lado dos que entendem que o Brasil só poderá superar a condição periférica de sua economia e de sua sociedade, isto é, superar a desigualdade e a exclusão social, na medida em que for capaz de construir processo de desenvolvimento econômico como processo de transformações estruturais, que devem ter como ponto de partida a distribuição primária da renda, conceito que, Furtado, associando-se ao economista indiano Amartya Sen, vê como distribuição da renda, da riqueza e de habilitações sintonizadas às tendências técnico-científico-culturais contemporâneas. Disse Furtado: “Mais do que **transformação**, o desenvolvimento é **invenção,** comporta em elemento de intencionalidade. As condições requeridas para esse elemento se manifestar com vigor dão-se

historicamente, ou seja, são irredutíveis a esquemas formalizáveis. Somente o enfoque analógico nos permite abordar questões como: por que se intensifica a criatividade e por que os frutos desta convergem para produzir e realizar um projeto de transformação social com o qual se identificam os membros de uma coletividade? Contudo, o caráter histórico de desenvolvimento, sua unicidade não nos deve impedir de investigar a natureza do processo de invenção cultural. A inovação não se resume em resposta a um desafio: é, antes de tudo, a manifestação de uma possibilidade." (FURTADO, Celso. **Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 984, pp. 105-106).

Nessa afirmação de Furtado é de se destacar o peso dado a três ideias: o desenvolvimento como **transformação**; o desenvolvimento como **invenção**; o desenvolvimento como **possibilidade**. É na confluência dessas três ideias-forças, que se organizou a intervenção teórico-prática de Clélio Campolina Diniz, como economista, como professor, como dirigente universitário e como homem público, como ministro de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação. De fato, a teoria econômica que Clélio Campolina Diniz mobilizou em sua atividade profissional está longe de suposta neutralidade, não é tributária de um patético monopólio da racionalidade, que certa corrente teórica se autoatribuiu. A Economia Política, a que Campolina se dedica, não tem medo de dizer-se comprometida, definitivamente comprometida, com a busca da transformação do mundo mediante reformas, que garantam a distribuição da renda e da riqueza, a sustentabilidade, a solidariedade. Foram esses valores que ele mobilizou em sua atuação como professor, como Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, por oito anos, como Reitor da UFMG, como Ministro de Estado. Há uma impressionante coerência no itinerário pessoal, profissional e cívico do nosso homenageado.

Homem firme e corajoso, não tem sido menos tolerante, não tem sido menos aberto ao diálogo, à crítica, à mudança de opinião quando descobre-se em equívoco. Sua saúde moral, aqui já mencionada, não é menor que sua saúde física, quem já tentou, sem sucesso como eu, acompanhá-lo numa visita a obras sabe do que estou falando.

Diante de nós esse “pobre homem das barrancas do Paraopeba”, mineiro-mineiro, que já foi mais à China, que muitos chineses. Viajante, curioso, obstinado, fez da busca, da pesquisa, mais que uma exigência profissional. De fato, o que Campolina tem buscado, em todo canto e lugar, é o que ele sabe que existe e só espera poder desabrochar como liberdade e plena emancipação humana.

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2015